

A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO

LITERATURE: SKILL TO HUMANIZATION

¹XAVIER, Francisco Junior

¹Especialista em Ensino de Língua Portuguesa – Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) – Acadêmico de Psicologia do 4º Termo/ Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos-Unifio/ FEMM

RESUMO

Este artigo analisa a relação entre a literatura com o atual contexto, de modo que reflete sobre o processo de humanização a que ela pode conduzir seus interlocutores. Esta relação se dá por meio da análise comparada de quatro personagens que representam problemáticas de desumanização. Utilizam-se princípios sociológicos e literários para vislumbrar a atual conjuntura, através da qual se traça os principais elementos que desintegram o homem e a relação testemunhal da literatura como denunciadora da desumanização.

Palavras-chave: literatura; psicologia; humanização; personagem.

ABSTRACT

This article look for analysis the relationship with literature and the now context. It's about the humanization and problems in the world now. The search made a relation between four personage and the humanization process, showing the role of literature as a humanizer.

Keywords: literature; psychology; humanization; personage.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre o papel da literatura é voltar às questões fundamentais da humanidade, é fazer eco aos primeiros questionamentos dos filósofos: de onde viemos? para onde iremos? O que é o ser? E, ao mesmo tempo, exercício de sentido. Aristóteles¹, em sua Poética definiu que: “a epopeia e a poesia trágica, bem como a comédia, a poesia ditirâmbica e ainda a maior parte da música de flauta e de cítara, são todas, vistas em conjunto, imitações” (Aristóteles, 2008, p.37), ou seja, ocorre, aquilo que o pensador chamará *Mimesis*². Mas, são as artes que imitam a vida, ou o contrário?

A literatura em si não busca respostas a esta pergunta, mas, mostra que, existe um entrelaçamento entre realidade e ficção, a ponto de tornar-se impossível declarar onde está o verdadeiro processo mimético. O fato é que a literatura é transfiguração do real (cf. Coutinho, 1978), e como tal tem a capacidade de dar sentido à vida.

¹ Filósofo grego, aluno de Platão, considerado um pilar da filosofia. Viveu entre 384 a.C. a 322 a.C.

² É o conceito central da obra de Aristóteles nomeada Poética. Segundo tal definição, as belas artes se dão num processo mimético, ou seja, imitativo.

O atual contexto em suas complexibilidades gesta, cada vez mais, um processo de desintegração generalizado, através do qual, o ser humano se afasta progressivamente de seus valores e ideais e entra nas engrenagens de uma conjuntura mecanicista, materialista e hiper consumista, que tem como principal consequência a desumanização.

“Um dos maiores alarmes que se fazem ressoar na sociedade hoje concerne à crise dos valores” (Boff, 2014, p.17). Longe de tornar-se autêntico e maduro, o homem cada vez mais se afasta de sua verdadeira vocação à plenitude e à integralidade. “[...] um traço sinistro do nosso tempo é saber que é possível a solução de tantos problemas e, no entanto, não se empenhar nela” (Cândido, 2004, p.170).

METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado foi o de revisão de literatura, por meio do qual se buscou colocar em paralelo sob a ótica da literatura comparada, quatro obras literárias e o processo de desumanização. As obras escolhidas foram: O deserto dos Tártaros (1940), de Dino Buzzati³, Nada (1944) de Carmem Laforet⁴, A velocidade da luz (2002) de Javier Cercas⁵ e A desumanização (2013) de Valter Hugo Mãe⁶, textos que expressam a relação da literatura com a humanização. Reflete, portanto este artigo sobre esta temática, especialmente na esteira teórica de Antônio Cândido, teórico da literatura e, analisando os principais processos desumanizadores nas concepções de Gillis Lipovetsky⁷ e Zigmunt Bauman⁸, confrontando a desumanização de personagens⁹ estereotipados com a realidade.

³ Escritor italiano (1906-1972), ganhou o prêmio *Strega*, (1958) pelo livro “*Sessanta racconti*”.

⁴ Escritora espanhola (1921-2004). Ganhadora de diversos prêmios literários, entre eles: Prêmio Nadalem (1944), Prêmio Fastenrath da Real Academia Española (1948) e Prêmio Nacional de Literatura (1955).

⁵ Escritor espanhol (1962-). Vencedor do Prêmio Nacional de Narrativa (2010) e do Prêmio Literário Casino da Póvoa (2016).

⁶ Autor português (1971-). Ganhador do Prêmios: José Saramago (2007) e Portugal Telecom de Literatura (2012)

⁷ Filósofo francês, teórico da Hipermmodernidade (1944-).

⁸ Professor, filósofo e sociólogo, teórico da Modernidade Líquida (1925-2017).

⁹ A escolha dos personagens não tem relação entre si, através de seus perfis busca-se salientar a importância da literatura como um espelho que permite ver as possibilidades das escolhas humanas e suas consequências que, nesta perspectiva podem servir como humanizadoras, como enfatiza Manguel (2008) “As histórias podem alimentar nossa mente, levando-nos talvez não ao conhecimento de quem somos, mas ao menos à consciência de que existimos - uma consciência essencial, que se desenvolve pelo confronto com a voz alheia” (Manguel, 2008, p.19).

DESENVOLVIMENTO

O homem é um ser integral, em suas várias dimensões: psíquica, social, espiritual e biológica ele busca viver e construir sua história com coerência. Descobrir o fim a que se vale a vida tem efeitos concretos: razão de ser, motivação, harmonia e alegria (cf. Boff, 2014, p.28). “Perguntar pelo sentido é o mesmo que perguntar pelo que dá motivação de viver” (Boff, 2014, p.31). Vive-se, entretanto, uma dinâmica desintegradora e, por consequência, desumanizadora. A atual crise de sentido mostra que a busca por sentido tem sido muitas vezes deturpada, especialmente, pela constituição de uma conjuntura tão paradoxal e acelerada.

Isso se dá porque os laços inter-humanos se mostram cada vez mais frágeis e temporários (cf. Bauman, 2007, p.9), o medo generalizado desponta como um fundamento existencial, no qual, de forma paliativa, o homem líquido¹⁰ coloca toda sua energia na busca incessante e contraditória de não ter medo, através de uma possível segurança pessoal vendida pela mídia (cf. Bauman, 2007, p.31-32). Assim, “o novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade estão gravados num dos lados da moeda cuja outra face mostra os contornos nebulosos da ‘globalização negativa’” (Bauman, 2007, p.30).

Vive-se uma pluralização, inclusive dos valores, o que é perigoso, pois, “[...] os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria” (Candido, 2004, p.169). Junto a isto, cresce a indiferença, o individualismo, e o relativismo que “é apenas uma faceta possível da hipermodernidade” (Lipovetsky, 2004, p.27).

O atual contexto é extremamente paradoxal, ao mesmo tempo em que os indivíduos buscam caminhos no sentido de uma meta objetiva, suas atitudes caminham opostamente, como por exemplo, a luta para se ter tempo e o desperdício do mesmo. Nesse sentido, é perceptível “amostras dos paradoxos que caracterizam a hipermodernidade: quanto mais avançam as condutas responsáveis, mais aumenta a irresponsabilidade” (Lipovetsky, 2004, p.27).

O confronto ocorre porque “quanto mais densidade ontológica tem um ser, mais valor tem e, portanto, mais sentido” (Boff, 2014, p.20), o problema é que os valores que a atual sociedade propõe: “o dinheiro, o sexo, a técnica, a mídia etc., contém fraquíssima densidade ontológica. Portanto, são valores pobres de valor e,

¹⁰ Concepção sociológica de Zigmunt Baumam.

por isso também, pobres de sentido” (Boff, 2014, p.21), o que acaba por tornar a busca do homem frustrante e desfocada.

A resposta que cada um dá à questão do sentido é, na maior parte das vezes, existencial. A vida responde a vida. Mas chega um momento em que, diante dessa questão, a vida pede uma resposta pessoal pensada e, às vezes, também argumentada. Isso vale principalmente numa cultura como a nossa, pluralista, crítica e não raro niilista (Boff, 2014, p.8).

“Nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo da civilização” (Cândido, 2004, p.170). Contudo, mesmo em processo de dessacralização “[...] nem todos os valores, nem todos os referências de sentido foram pelos ares (Lipovetsky, 2004, p.99). Tudo isso acaba por esvaziar o homem e torná-lo refém de seu tempo.

É perceptível, portanto, que, o contexto influi diretamente nos vários âmbitos da vida do homem, mudando seu relacionamento consigo, com os outros e com a transcendência, a consequência principal é a desumanização. Deixa-se de viver uma vida com sentido para buscar, utopicamente, uma vida idealizada, mas, nunca alcançada. Mas, como se dá a relação com a literatura, diante de tal contexto? Esta foi a pergunta que guiou a pesquisa.

A literatura pode ser um caminho para compreender os paradigmas atuais e até superá-los. Por ela, é possível compreender como a desumanização pode afetar e destruir as relações e o próprio indivíduo. É certo que “[...] as histórias podem vir em nosso socorro. Elas podem curar, iluminar, indicar o caminho. Sobretudo, podem nos recordar nossa condição, romper a aparência superficial das coisas, dar a ver as correntezas e abismos subjacentes” (Manguel, 2008, p.19).

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso (Cândido, 2004, p.174).

Através do contato com o imaginário o leitor pode reconhecer suas próprias lutas e desafios. Não que a literatura se torne um objeto devocional ou religioso, mas, testemunhal, gerador de reflexão e de mudança de perspectiva. [...] “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (Cândido, 2004, p.175).

Por isso, “ela [a literatura] é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (Cândido, 2004, p.175). “Confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (Cândido, 2004, p.175), ou seja, através de seu potencial transformador comunica aos seus interlocutores que existem possibilidades em todas as situações.

Por tocar diretamente na vida e nos relacionamentos, “ela tem papel formador de personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade” (Cândido, 2004, p.175-176). Isso se dá quando pela troca entre realidade e imaginação surgem indagações e novos horizontes.

Em seu âmago, “ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (Cândido, 2004, p.176). Neste panorama, “a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (Cândido, 2004, p.186), assim como os elementos desumanizadores crescentes: a falta de sentido, a fragilidade das relações, as fobias, as buscas desordenadas por segurança, o individualismo, o hedonismo, a indiferença, o individualismo, o abandono dos valores etc. De acordo com Antônio Cândido a humanização é:

“[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante” (Cândido, 2004, p.180).

Este movimento de “afinamento das emoções” ocorre muitas vezes pelo confronto entre leitor e personagem, fazendo com que haja dinamismo na relação leitor-texto¹¹. Tal cenário mostra que a literatura tem faces, analisando-a, pode-se

¹¹ Concepção interacionista, na qual a leitura é um processo de cognição e percepção. Ou seja, “não apenas enfatiza o papel do leitor ou do texto, mas que aceita que o produto da relação entre leitor e texto é o sentido da leitura. Isso quer dizer que a interação entre texto e leitor ocorre de maneira a se retomarem ora a perspectiva do leitor, ora a do texto, conforme a necessidade para cada situação de leitura” (Duran, 2009, p.4).

distinguir pelo menos três: 1) construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) forma de expressão, isto é, manifestação de emoções e visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) formação de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (cf. Cândido, 2004, p.176).

É possível perceber, ainda, que existem níveis de humanização. Primeiro, “a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado”. Depois, [...] a organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo” (Cândido, 2004, p.177). É, portanto, um itinerário que passa da palavra para a compreensão e leva à assimilação humanizadora. No fundo este papel demiúrgico é o mais importante, pois, “toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido” (Cândido, 2004, p.178).

Por fim, é preciso considerar que “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (Cândido, 2004, p.186).

A partir destas esteiras teóricas, conforme as concepção sociológica de Bauman e Lipovetsky e do papel humanizador da literatura defendido por Cândido, far-se-á uma breve análise de alguns personagens que foram desenhados por seus autores com perfis que podem ser chamados de humanizadores¹², nem sempre porque são virtuosos, mas, principalmente porque mostram a face estigmatizada do homem. Tais personagens, embora não pertencentes ao imaginário da atual conjuntura¹³, são reflexo de muitos problemas vivenciados atualmente.

O deserto dos Tártaros (1940), Dino Buzzati

O personagem Giovanni Drogo é um jovem oficial enviado, ao sair da Escola Militar, para a Fortaleza Bastiani, situada numa região fronteiriça, para além da qual se estende uma planície imensa, conhecida como o Deserto dos Tártaros, lugar há muito isolado. A missão dos miliares desta base parece sem razão, especialmente pela improbabilidade de um ataque inimigo. A narrativa, contudo, faz alusão aos sentimentos dos soldados que vivem a ilusória expectativa de perigo. Drogo gasta

¹² A estigmatização é o julgamento através do qual deixa-se de considerar a criatura total, reduzindo a pessoa aos seus defeitos e fraquezas (cf. Goffman, 1988, p.6).

¹³ A data de publicação das obras citadas é heterogênea.

sua vida nesta espera até sua saúde não mais permiti-lo, só então ele abandona o recinto e descobre que realmente a guerra está próxima.

Este livro mostra a face do homem degenerado pela idealização do futuro e a frustração resultante por este ideal insustentável, além de sua relação conflituosa com o tempo. Também a atualidade é marcada por uma eterna luta contra o tempo. “[...] a hipermoderna se apresenta como a sociedade em que ele é cada vez mais vivido como preocupação maior; a sociedade em que se exerce e generaliza uma pressão temporal crescente” (Lipovetsky, 2004, p.75), o problema principal é que a projeção de encontro com o tempo tornou-se uma utopia:

O estado de guerra contra o tempo implica que os indivíduos estão cada vez menos encerrados só no presente, com a dinâmica de individualização e os meios de informação funcionando como instrumentos de distanciamento, de introspecção de retorno ao eu (Lipovetsky, 2004, p.76).

Com suas ações, este personagem pode ser um ícone para a experiência de reflexão sobre as relações humana. Dino Buzzati faz refletir em Giovanni Drogo a desenfreada busca por sentido que o homem sente hoje. Drogo tem, ainda, a personalidade absorvida pelo forte, tanto que o sentimento do forte se torna também o seu: a solidão. “É difícil acreditar numa coisa quando se está sozinho e não se pode falar com ninguém” (Buzzati, 2018, p.172).

Nada (1944), Carmem Laforet

Conhecida como uma das obras espanholas mais importantes do século XX, tem como narradora-personagem, Andréa, jovem órfã que se muda para a casa da avó, em Barcelona, a fim de estudar. O texto é pintado no pós-Guerra Civil e retrata os seus efeitos na população Espanhola.

Nesta obra, Laforet constrói uma personagem caracterizada pela indiferença. “Alguns nascem para a vida, outros para trabalhar, outros para olhar a vida” (Laforet, 2018, p.212). Andréa não é meramente indiferente, tudo o que ela respira é fruto desta atitude-posição. Seus relacionamentos familiares e sociais são frouxos e pautados no egoísmo. Ela passa por muitas privações, mas a fome que sente não se refere apenas à ausência de comida, mas sobretudo, de sentimentos e de afetos. Nela vê-se refletida a imagem desumanizada do homem que, desvinculado dos círculos de amizade e familiares, acaba no isolamento e na solidão irremediável, vê-se também realizada em Andréa a definição de Lipovetsky:

Os indivíduos hipermodernos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos (Lipovetsky, 2004, p.27)

O título da obra já traz o niilismo¹⁴ e o existencialismo¹⁵ da personalidade Andréa, cujos principais sintomas são depressão, suicídio, banalização do sexo, violência, corrupção, frivolidade, o tédio e uma certa angústia existencial¹⁶ (cf. Boff, 2014, p.199). Para a personagem: “de nada adianta correr, quando sempre há de se seguir pelo mesmo caminho” (Laforet, 2018, p.212). Ela é o rosto do individualismo, da indiferença e da insegurança. “Eu então percebia, pela primeira vez que tudo segue, desbota, estraga, enquanto a vida continua. Que não existe final na nossa história até que chega a morte e o corpo se desfaz (Laforet, 2018, p.237).

Andréa é, no fundo, a materialização de todos os sentimentos conflitivos de incompreensão, desprezo, esperança e raiva. Mas, ao mesmo tempo ela é a única consciente de sua situação, como deve ser também todo aquele que queria se desvencilhar das crises atuais, de modo refletivo e profundo.

A velocidade da luz (2002), Javier Cercas

Nesta obra, Cercas expõe a relação de um narrador inominado, que sonha ser escritor, com o excêntrico Rodney Falk, ex-combatente da Guerra do Vietnã, professor e espécie de mentor do primeiro. Falk é estereotipado pelo fatalismo em que se afunda na sua busca existencial e, embora tenha consciência de sua realidade, no fundo, vive amargurado pela solidão, como ele próprio afirma, indiretamente: “todo mundo olha para a realidade, mas, poucas pessoas a veem” (Cercas, 2018, p.59).

Rodney é marcado pela falta de sentido, pela insegurança, pela fragilidade nas relações e pelos paradoxos que exalam o atual contexto, “talvez todos nós precisemos ter paciência com o fracasso para sermos apanhados pelo sucesso” (Cercas, 2018, p.57). Ao mesmo tempo em que serve de inspiração com suas reflexões profundas e positivas sobre a vida, especialmente no âmbito imaginário,

¹⁴ “perspectiva segundo a qual o fim de tudo é o nada” (Boff, 2018, p.17)

¹⁵ “Movimento de pensamento que concebe a especulação filosófica como uma análise minuciosa da experiência humana cotidiana, em todos os seus aspectos teóricos e práticos, individuais e sociais, instintivos e intencionais da vida humana” (Mondin, 1981, p. 239)

¹⁶ “Sentimento difuso, que não tem um objeto definido” (Boff, 2014, p.184).

se mostra fragmentado e fóbico em relação às suas próprias experiências “o sentimentalismo é o fracasso do sentimento” (Cercas, 2018, p.143).

Ele reflete o medo presente em se olhar para a própria vida porque reconhece que “falar muito de si é o melhor jeito de se esconder” (Cercas, 2018, p.54). Nesta dialética entre saber e viver: “não é a gente que muda a vida, é a vida que muda a gente” (Cercas, 2018, p.255), o personagem, através da metalinguagem, pode ser um aliado para se compreender o papel da literatura:

sua profissão [escritor] consiste em dotar a realidade de sentido, mesmo que esse sentido seja ilusório; ou seja, ele pode dotá-la de beleza e essa beleza ou esse sentido são seu escudo. Por isso eu digo que o escritor é um maluco que tem a obrigação ou o duvidoso privilégio de ver a realidade, e por isso, quando um escritor para de escrever, acaba se matando, porque não conseguiu se livrar do vício de ver a realidade, mas já não tem aquele escudo para se proteger dela (Cercas, 2018, p.60).

A relação de Falk com a vida real, a construção literária e a morte são expressões do papel humanizador da literatura que tem a coragem de tocar nas feridas da humanidade, de refletir sobre elas e de iluminar, com seus inumeráveis caminhos, novas perspectivas e escolhas possíveis no enfrentamento das crises.

A desumanização (2013), Valter Hugo Mãe

A desumanização é um romance contemporâneo que narra a vida de Halla e seus conflitos familiares. Sensível e dolorosa, a obra retrata as relações do sofrimento, da dor, da insensibilidade e da morte: “a morte é um exagero. Leva demasiado. Deixa muito pouco” (Mãe, 2014, p.13).

Os principais elementos desumanizadores pintados na protagonista e nas outras personagens são: a falta de sentido, a insegurança, a indiferença e o medo, ainda, Halla delinea, ao longo do texto, os traços mais marcantes da desumanização através de uma progressiva animalização. A jovem vive em constante sentimento de autocondenação. Gêmea de irmã morta, vive sob a sombra da falecida, mas, ainda assim, no fundo, nutre esperanças: “o amor haveria de curar o medo em muitos sentidos. Haveria de conferir sentido à vida” (Mãe, 2014, p.81).

A desumanização ocorre em vários níveis e, aos poucos os personagens passam a ser caracterizados como animais que tentam imitar a felicidade humana (cf. Mãe, 2014), seja na brutalidade, seja na crescente ignorância. A protagonista é vulnerável ao seu contexto social e familiar, especialmente, à crueldade e à

indiferença da mãe. Esta vulnerabilidade, que “significa estar exposto à possibilidade de ser ferido, física ou psicologicamente, em circunstâncias de falta de habilidade e/ou meios de se proteger” (Pessine e Bertachini, 2009, p.158), acaba por favorecer o sofrimento e as mágoas de Halla, o que, por consequência, a tornam inconsequente e indiferente. A relação com o luto faz com que a jovem sinta-se dividida, sente-se como que reflexo da morte, vive mas carrega o peso da irmã.

Embora apresente uma espécie de pessimismo em relação às palavras:

“Quando falo, não entrego nada. Deixo mesmamente despido quem tem frio e não encho a barriga dos que têm fome. Quando falo, o que faço é perto do não fazer nada e, no entanto, cria-nos a sensação de fazer tanto. Como se falando pudéssemos fazer tudo. O que digo é só bom porque pode ser dito, mas não se põe de parede para a casa ou de barco para a fuga. Não podemos ir embora. Falar é ficar. Se falo é porque ainda não fui. Ainda aqui estou. Preciso de me calar, pai. Preciso de aprender a calar-me. Quero muito fugir” (Mãe, 2014, p. 34).

A obra expressa a importância das palavras e dos livros: “o meu pai escreve poemas para descobrir aquilo que não sabe, eu disse” (Mãe, 2014, p.36), considerando-os caminho para o autoconhecimento e meio de fortalecimento da humanidade.

“As palavras são objetos magros incapazes de conter o mundo. Usamo-las por pura ilusão. Deixámo-nos iludir assim para não perecermos de imediato conscientes da impossibilidade de comunicar e, por isso, a impossibilidade da beleza” (Mãe, 2014, p. 27). Ainda assim, podem ser, através da literatura, itinerário para se chegar à plena humanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as ideias presentes nas obras analisadas, pode-se vislumbrar que o papel humanizador da literatura é também um papel constitutivo, construtor, gera não apenas espelhamento, mas, reflexão, compreensão e resiliência¹⁷ “os livros eram ladrões. Roubavam-nos do que nos acontecia. Mas também eram generosos. Ofereciam-nos o que não nos acontecia” (Mãe, 2014, p.40).

¹⁷ “O termo resiliência provém do latim *resilire*, que significa ‘saltar para trás’ ou ‘voltar ao estado natural’” (Pessine E Bertachini, 2009, p.221). “O adjetivo resiliente pode ser definido assim: que apresenta uma resistência aos choques” (Pessine E Bertachini, 2009, p.222).

Além de formadora de consciência a literatura é formadora de resistência. Ela é capaz de “dotar o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana” (Compagnon, 2009, p.36).

a melhor contribuição da literatura ao progresso humano é recordar-nos (involuntariamente, na maior parte dos casos) de que o mundo se acha mal-acabado, de que mentem os que sustentam o contrário - por exemplo, os poderes que o governam -, e de que poderia ser melhor, mais próximo dos mundos que a nossa imaginação e a nossa palavra são capazes de inventar (Llosa, 2010).

A literatura enquanto direito e método humanizador é, portanto, ferramenta de embelezamento, aprimoramento e edificação. Quanto mais o homem for capaz de se autocompreender, mais completo estará e, por consequência, mais humano. A fluidez da arte literária precisa ser, portanto, acessível, compreensível e desmascarada. Todos precisam ter o direito de ser completos e felizes. Cada personagem é, no fundo, a imagem dessa busca, mesmo que, marcados pelos estigmas e vícios, o importante é que são objeto de reflexão iluminadora da vida.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A poética**. 3.ed. Tradução: Ana Maria Valente. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2008.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo: Zahar, 2007.

BOFF, Clodovis. **O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje** (parte crítico-analítica) v. I. São Paulo: Paulus, 2014.

BOFF, Clodovis. **O livro do sentido: qual é, afinal, o sentido da vida?** (parte teórico-construtiva) v. II. São Paulo: Paulus, 2018.

BUZZATI, Dino. **O Deserto dos Tártaros**. Trad.: Aurora Fornoni Bernardini; Homero Freitas de Andrade. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4.ed. Duas Cidades: São Paulo; Rio de Janeiro, 2004.

CERCAS, Javier. **A velocidade da luz**. Trad.: Sérgio Molina. 2. ed. São Paulo: Globo, 2018.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COUTINHO, Afrânio. **Que é literatura e como ensiná-la**: notas de teoria literária. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DURAN, Guilherme Rocha. **As concepções de leitura e a produção do sentido no texto**. Revista Prolíngua – ISSN 1983-9979. Volume 2, número 2 – Jul./Dez. De 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LAFORET, Carmem. **Nada**. Trad.: Rubia Prates Goldoni. Rio de Janeiro: Alfaguarda, 2018.

LLOSA, Mario Vargas. Em defesa do romance. *In*: **Revista Piauí**. N. 37. Out. 2010. p. 64-69. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao_37/artigo_1159/Em_defesa_do_romance.aspx> Acesso em: 22 set. 2019.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Cosac Naify. 2014.

MANGUEL, A. **A cidade das palavras**: as histórias que contamos para saber quem somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MONDIN, Batista. **Introdução à Filosofia**: problema, sistemas, autores, obras. Trad.: J. Renard. São Paulo: Paulus, 1981.

PESSINE, Léo. BERTACHINI, Luciana. **Cuidar do ser humano**: ciência, ternura e ética. São Paulo: Paulinas: Universidade São Camilo 2009.